

FLAVIO DE SOUZA

OS LOHIP-HOPBATOS em
A GUERRA DA RUA
DOS SIAMPIPÊS

ilustrações de **SUPPA**



Copyright do texto © 2013 by Flavio de Souza
Copyright das ilustrações © 2013 by Suppa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Preparação
Ana Maria Alvares

Revisão
Viviane T. Mendes
Arlete Zebber

Composição
Lilian Mitsunaga

Grafites das páginas 21, 46 e 48:
PAZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Flavio de
Os lohíp-hopbatos em a guerrra da rua dos siamipês
/ Flavio de Souza ; ilustrações de Suppa. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2013.
ISBN 978-85-7406-520-5

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Suppa. II. Título.

12-13729 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Para o Riba, a Lila, o Le, o Theo,
a Ludi, a Lily e a Ceci



Alex

Antonio

Rita

Ivan

Anita

Briel

Livia

1. A CHEGADA DO ANTONIO

Escrito por Ritadorinha

A LEITURA INTERROMPIDA

“O Cavaleiro Negro tomou impulso e foi pulando ligeiro de uma telha a outra da cúpula abobadada do palácio majestoso, onde o maligno impostor, o sultão El Aldebarã, se escondia e governava, sem boa intenção e com muita injustiça. Ia tentando não escorregar, pois as telhas estavam úmidas de chuva, e quebrando algumas pelo caminho, sem nem se importar com a possibilidade de uma queda certamente fatal. O Cavaleiro se movimentava sem ser visto pelos guardas, na sua maioria mercenários sanguinários, sem alma e armados até os dentes.

“Mas, quando o destemido herói tomou impulso para adentrar, com um salto, o quarto onde a bela e misteriosa princesa Odete era mantida prisioneira, uma flecha certa veio zumbindo do outro lado do palácio, prendendo uma das mangas da camisa de tecido peludo do Cavaleiro Negro ao parapeito da janela.

“Sem poder se esconder ou fugir, ele foi iluminado pelo fogo brilhante que veio lá de dentro, da lâmpada nada maravilhosa que a princesa trazia, com a mão tremendo, para perto da janela, querendo saber o que estava causando tanto movimento lá fora.

“Então, ele se tornou um alvo fácil para cento e cinquenta guardas corpulentos e implacáveis, que lá de baixo agora podiam ver o valente e impetuoso herói. Eles se prepararam para atingi-lo e, certamente, em pouquíssimo tempo, o transformariam num porco-espinho!



“O Cavaleiro Negro olhou para o céu escuro nublado e sem lua, tentando imaginar como seria aquele lugar, pois parecia que, muito em breve, ele estaria de mudança para lá. Sua situação não poderia ser mais desesperadora.”

Eu parei de ler e disse:

— A gente sabe que o Cavaleiro Negro não pode morrer. Qual é a graça de o herói ficar em perigo mortal todo fim de capítulo? A gente sabe que ele não vai nem se machucar.

O Alex bufou:

— A gente sabe que vai tomar banho todo dia antes do jantar, Rita. Mas a gente sempre tem a esperança de que vai conseguir fugir e dormir suado e fedido.

— Eu acho essa ideia bem nojenta, mas a gente pode deixar pra discutir depois que o capítulo acabar — eu respondi.

— O capítulo já acabou, mana — disse o Ivan.

— Então é a minha vez de ler — disse o Alex, pegando o livro.

Mas ele não chegou a ler nem uma palavra, porque a Anita saiu da casa dela, com a Lívia, carregando um enorme aparelho de som ligado no último volume.

— Essas garotas estão querendo briga! — eu falei, ficando em pé.

— Por que elas não vão dançar no quintal da casa delas? — perguntou o Alex, com cara de touro vendo um pano vermelho.

Pela cara do Ivan, deu pra ver que ele pensou a mesma coisa que eu: que a gente também podia ler no quintal da casa de alguém. Eu não falei o que pensei, ele também não falou, mas respondeu:

— Desse jeito elas não atrapalhavam ninguém.

— É isso aí! — o Alex e eu dissemos ao mesmo tempo, e a gente estava pronto pra primeira batalha do dia.

RATOS E LIQUIDIFICADORES

A Anita baixou o volume do som pra que os três vizinhos ouvissem o que ela ia dizer pra Livia:

— Olha só, tem três ratos debaixo dos ipês.

O Alex deu um passo pra frente, e, muito bravo, respondeu provocando:

— Quem tem cara de rato é você! E pode ir desligando esse som que a gente chegou aqui primeiro. E é bom fazer isso logo senão vai ter!

Mas as duas vizinhas não ouviram nem o “quem tem cara de rato”, porque a Anita logo aumentou o volume do aparelho de som pra valer. E a primeira batalha daquele dia da guerra da rua dos siamipês começou entre a gente, que já estava debaixo da sombra dos ipês, e as duas que tinham chegado depois, todos falando, gritando, berrando ao mesmo tempo:

— É o seguinte: vocês estão em minoria, então desliga isso aí, Nita, ou volta com a sua amiguinha pra casa. E é bom fazer isso agora mesmo porque vocês já atrapalharam bem a nossa leitura!

— Não é justo, Alex! Vocês não são donos desse terreno! Nem dos ipês! Muito menos da sombra deles!



— Agora eu não tenho nome? Eu sou só a amiguinha dela, é? Hein, Alex? Hein, Ivan? Hein, Rita? Hein?

— Ah, não! Os liquidificadores podem ir liquidificar em outro lugar, tá? Ouviu, Livia? Ouviu, Anita?

— Estou vendo que não vai dar pra ler aqui hoje. Mas vocês também não vão poder dançar! Se é que dá pra chamar de dança o que vocês fazem enquanto escutam música!

DANDO NOME AOS BOYS

Antes de continuar a história é melhor dar nome aos boys.

O *meu* trio, que gosta de ler e jogar debaixo dos ipês, se chama de Os Lobatos, em homenagem ao escritor Monteiro Lobato.

O *outro* trio, que gosta de cantar e dançar de um jeito muito estranho debaixo dos ipês, se chama de Os Hip-Hops, por causa do ritmo musical.

Só que os Hip-Hops chamam os Lobatos de “ratos”, por causa daquela expressão “rato de biblioteca”, que é um apelido pra quem gosta muito de ler.

E os Lobatos chamam os Hip-Hops de “liquidificadores”, porque acham que o trio dança bem mal e parece que está só se sacudindo feito um liquidificador ligado.

Ah, faltou uma explicação: outro garoto, o Briel, que até aqui ainda não apareceu na história, é o terceiro Hip-Hop.

O CAMINHÃO QUE TROUXE MUDANÇAS

A Livia e a Anita concordaram com o Alex. Elas estavam

mesmo em minoria. A Livia começou a gritar, chamando o componente que faltava:

— Briel! Briel! Vem já aqui!

Enquanto isso, a Anita pegou o celular, apertou uma tecla e berrou:

— Os Hip-Hops estão sendo ameaçados! Vem já aqui!

A batalha daquele dia ia ficar feia. O Alex já estava furioso, com os olhos bem arregalados, esbugalhados mesmo, mas falando cada vez mais baixo.

A Anita e eu já estávamos quase histéricas. A Anita falava com uma voz aguda feito a de um sagui agitado; e eu tentava dizer alguma coisa, mas só saíam soluços, apesar de eu estar fazendo o maior esforço pra não chorar.

A Livia estava começando a ter um daqueles ataques de riso que rolavam quando ela ficava muito nervosa.

De novo, todos sussurravam, falavam, gritavam, berravam, ao mesmo tempo:

— É o seguinte: vocês são muito sem noção, parem de mentir senão vai ter! Vocês não podem chegar aqui com esse som alto desse jeito, é falta de respeito. Será que seus pais não deram nem um pingote de educação pra vocês, hein?

— Quem está atacando quem? Quem é que estava aqui sossegado até vocês chegarem? Quem? Quem? Quem?

— Vocês sabem que não é justo! Vocês passam o dia aqui! A gente tá cansada de ficar esperando a nossa vez!

— Precisa fazer esse escândalo? É pra provocar, não é? Acho que é! Não? Então pra que tanto drama?

— Sabem o que os liquidificadores podem fazer? Liquidificar em outro lugar! Agora mesmo!

O Alex estava pronto pra dizer várias daquelas frases que,

depois, ele sempre se arrepende de ter dito. Mas só ficou com a boca aberta, sem falar nada, porque o Briel saiu correndo do sobrado onde morava, que era um dos primeiros da rua, anunciando:

— Ele está chegando! Ele está virando a esquina! Mais meio minuto e ele vai estar aqui!

Os outros quatro garotos e eu ficamos com cara de “quem é ele? e por que ele está chegando? e chegando pra fazer o que aqui?”.

O Briel olhou pra gente com cara de “como vocês são estúpidos”, e disse:

— É o caminhão de mudança que está chegando, com a família que vai morar no 21.

Nós nos olhamos, demos um berro e saímos em disparada pra trocar de roupa e pentear o cabelo.

Os três meninos correram até o começo da rua pra ver o caminhão de mudança chegando. De tão animados com a novidade, esqueceram que o menino que ia morar no 21 podia desempatar a guerra entre os Lobatos e os Hip-Hops. A turma que ficasse com ele ia ter maioria, e a vitória seria certa em todas as disputas.

Fazia várias semanas que nós, os seis vizinhos, vínhamos recebendo, aos poucos, notícias sobre a família que ia morar no sobrado número 21. Desde a Anita, que tinha se mudado pra lá quando a gente tinha entre três e cinco anos, era a primeira vez que chegava um garoto desconhecido.

Então o caminhão entrou na rua, e a Anita, a Livia e eu voltamos correndo pra ver. Eu estava tonta, quase desmaiando de emoção. Parecia que estava chegando um E.T. numa nave espacial. Um viajante no tempo, numa cápsula. Ou o príncipe herdeiro do trono da Inglaterra numa carruagem de ouro.